

**QUEM CANTA SEUS MALES ESPANTA:  
DITOS POPULARES ANALISADOS  
À LUZ DA LINGUÍSTICA COGNITIVA**

Antonio Marcos Vieira de Oliveira (UERJ)  
[amvdeo@hotmail.com](mailto:amvdeo@hotmail.com)

**RESUMO**

Nesta comunicação, apresentaremos os resultados da pesquisa, desenvolvida no mestrado em linguística da UERJ, “Ditos Populares em Músicas do Cancioneiro Popular: Uma Abordagem Cognitiva”, cujo objetivo foi averiguar como as metáforas conceptuais fundamentam ditos populares, seja no formato utilizado pelo senso comum, seja retomados em músicas do cancionário popular. Analisaremos a relação entre a metáfora conceptual *Pessoa estressada/sobrecarregada é um recipiente sob pressão*, que estrutura o dito “Quem canta seus males espanta”, e trechos da música “Quem Canta Seus Males Espanta”, de Zélia Duncan. Este estudo encontra sua justificativa em uma das assunções basilares da linguística cognitiva de que as metáforas conceptuais estão presentes tanto nas conversas cotidianas quanto nas manifestações literárias e artísticas. O estudo é fundamentado pela teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson (2002) e seus desdobramentos desenvolvidos por Kövecses (2002, 2005), bem como pela teoria da integração conceptual de Fauconnier e Turner (2002). Além das teorias da metáfora e da integração conceptuais, o conceito de imaginação narrativa (TURNER, 1996) se revelou importante para o sentido dos ditos. O estudo dos ditos populares se insere nas discussões desenvolvidas no âmbito dos estudos sobre metáfora da linguística cognitiva, cuja proposta é observar a multidimensionalidade dos processos de significação das construções linguísticas e reconhecer tais construções como expressões de poder projetivo e metafórico na mente dos falantes. Nesses termos, demonstraremos que construções proverbiais são constituídas por uma rede de integração conceptual, para postular seu poder projetivo e metafórico na mente dos falantes. Espera-se que isto motive outras pesquisas sob o escopo teórico da linguística cognitiva; em especial, as teorias da metáfora e da mesclagem conceptual, que revelaram um potencial descritivo promissor para análise de fenômenos semântico-pragmáticos do português.

**Palavras-chave:**

Ditos populares. Linguística cognitiva. Metáfora. Mesclagem conceptual.

**1. Introdução**

Neste estudo, pretendemos analisar o dito popular “Quem canta seus males espanta” retomado na música homônima “Quem canta seus males espanta”, de Zélia Duncan. Os ditos populares são construções notáveis em várias línguas, tanto no tocante às ideias que transmitem, quanto na originalidade e na transmissão de saberes de uma determinada cultura.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O conhecimento dos falantes nativos de língua portuguesa acerca dos usos dos ditos motivou o presente estudo, cujo objetivo é averiguar, com base no arcabouço das teorias da metáfora conceptual (LAKOFF & JONHSON, 1980; KÖVECSES, 2002) e da integração conceptual (FAUCONNIER & TURNER, 2002), se a projeção metafórica presente na construção de sentido do dito selecionado, empregado cotidianamente, sustenta-se quando esse dito é retomado na letra de uma música.

Como o sentido dos ditos envolve projeções de mais de dois espaços mentais, em razão do cenário narrativo que evocam, também buscamos demonstrar que tais construções podem ser explicadas por redes de integração conceptual, de modo que as diferenças de sentido observadas no dito transposto para a letra da música podem estar relacionadas ao tipo de rede de integração conceptual acionado durante o processo de mesclagem.

### 2. *A teoria da metáfora conceptual*

Os estudos realizados sobre a metáfora, na década de 70, representam um divisor de águas, pois, a partir de então, a metáfora foi concebida com a hipótese de ser um fenômeno do pensamento. Essa inovação vem quebrar paradigmas científicos realizados até então que consideravam a metáfora como um desvio e a colocavam em um plano menor como um simples adorno retórico e residual.

George Lakoff e Mark Johnson em 1980 com a obra *Metaphors We Live By* quebram o paradigma vigente e elevam a essencialidade da metáfora na compreensão do mundo e do homem. Insatisfeitos com gerativismo de Chomsky, que já não dava conta de algumas de suas aspirações com relação à linguagem, e já incorporados ao âmbito da linguística cognitiva, apresentam evidências empíricas de que a metáfora não é apenas um adorno da linguagem.

Para os autores, a grande ocorrência de metáforas na linguagem cotidiana representava um dado objetivo que não podia ser ignorado e corroborava para a existência de uma função que ultrapassasse o simples uso de um processo de significação. A recorrência de expressões metafóricas podia ser entendida como uma dimensão central da metáfora, a de estruturar o nosso sistema conceptual na forma como pensamos, atuamos e agimos.

Ao utilizarmos a metáfora, grande parte dos nossos conceitos são

compreendidos em termos de outros; em outras palavras, a metáfora permite ao ser humano compreender e representar o mundo através da transferência de domínios de conhecimentos. Realizamos essa transferência entre domínios de forma inconsciente, mas buscamos, nas nossas experiências, elementos que nos autorizem a perceber o mundo e acabam por auxiliar no processo de compreensão.

A teoria da metáfora conceptual coloca no mesmo patamar o pensamento e a linguagem. Nesse prisma, a metáfora é entendida como o elemento central da conceptualização e do raciocínio e tem como elemento relevante, a experiência sensorio-motora. Frases como “olha onde nossa vida chegou?”, “não cheguei a lugar nenhum” e “estou numa encruzilhada” são realizações linguísticas da metáfora conceptual A VIDA É UMA VIAGEM e podemos dizer que constituem a evidência de que a metáfora estrutura o pensamento a partir de nossas experiências.

A metáfora é caracterizada como um mapeamento, um conjunto de relações que acontece entre domínios conceptuais, denominados de domínio fonte e de domínio alvo. O mapeamento entre os domínios acontece de forma implícita e automática, assumindo funções relevantes no processo da linguagem.

O domínio fonte corresponde ao domínio alvo e vice-versa e as restrições são governadas pelo domínio alvo. A expressão metafórica “Olha onde nosso amor chegou?”, relaciona-se à relação amorosa e é organizada a partir da metáfora conceptual básica O AMOR É UMA VIAGEM. A projeção metafórica entre o domínio fonte, VIAGEM, e o domínio alvo AMOR é estruturada a partir de nossas experiências emocionais, físicas e de nosso conhecimento compartilhado culturalmente.

Essa projeção é fortemente estruturada, na qual entidades do domínio do AMOR (amantes, objetivos comuns, dificuldades, relacionamento amoroso etc.) correspondem de forma sistemática a entidades do domínio VIAGEM (os viajantes, o veículo, o destino etc.). O conjunto de correspondências resultantes desse mapeamento metafórico caracterizará as correspondências que nos levam a raciocinar sobre o amor, utilizando o conhecimento com o qual raciocinamos sobre viagens.

### **3. A construção de sentidos e a mesclagem conceptual**

A teoria da mesclagem conceptual, desenvolvida por Fauconnier e Turner (2002), possui como linha geral de sua investigação as discus-

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

sões, travadas no âmbito da linguística cognitiva, acerca da construção do significado.

De acordo com esse enfoque, o processamento do significado é entendido como uma instanciamento de operações mentais que dão conta da ação discursiva, em outros termos, a construção do significado é desenvolvida de acordo com o contexto.

Admitindo o entendimento postulado pelos autores, entendemos que é de natureza capital averiguarmos os tipos de conexões realizados por nossa mente e também o efeito produzido quando as palavras são utilizadas em contextos diferenciados.

Parece-nos natural considerar que a criação e integração de espaços mentais são parte dessa conexão realizada por nossa mente, haja vista que os espaços mentais são construtores mentais utilizados no processamento do discurso a partir de instruções linguísticas fornecidas pelo contexto.

A teoria dos espaços mentais (1985, 1997) é um arcabouço de bastante importância no processo de construção de sentidos. Para Fauconnier (1985, 1997), a construção do significado ocorre por meio de dois processos: (i) a construção de espaços mentais e (ii) a criação de um mapeamento entre os espaços mentais. Acrescenta ainda que a relação entre os mapeamentos sofre forte influência do contexto onde o discurso ocorre, ou seja, a construção de sentidos é situada ou ligada a um contexto específico.

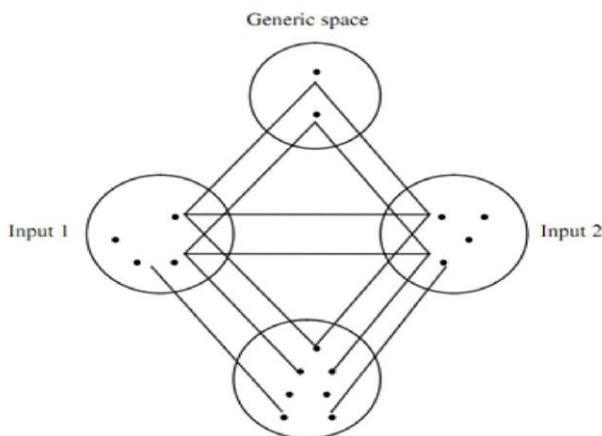
Nesse arcabouço, o espaço mental é uma região do espaço conceitual construída localmente, de acordo com as necessidades específicas do discurso. Desse modo, a formação dos espaços mentais e as relações estabelecidas por eles possuem o poder de contribuir muito na construção de sentidos e esses sentidos podem ser ilimitados.

Com ênfase na operação básica de mesclagem conceptual, os autores postulam que nossa mente cria, integra e projeta espaços, à medida que a ação discursiva avança. Assim, a obra *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities* (2002) surge como um amplo suporte que versa sobre os processos subjacentes à produção do significado e relata ainda que as conexões realizadas pela mente humana são complexas e inconscientes, o que nos leva a inferir a integração conceptual como uma operação básica do processamento cognitivo humano.

A integração conceptual é um processo cognitivo que permite a

interação entre domínios conceituais que funcionam como input para um novo espaço – a mescla. A interação entre os domínios de input é alcançada através de um mapeamento parcial que projeta seletivamente elementos dos inputs iniciais para um terceiro espaço, o espaço mescla, elaborado de forma dinâmica. Esse mapeamento explora estruturas esquemáticas dos inputs ou desenvolve estruturas esquemáticas compartilhadas. A estrutura compartilhada nos inputs iniciais fica contida em um quarto espaço chamado de espaço genérico.

Esses quatro espaços são conectados através de conexões projetivas e constituem uma rede de integração conceitual representada na figura (1), abaixo.



**Fig. 1 – Rede da integração conceitual**

Fauconnier e Turner (2002) afirmam que criar uma rede de integração é estabelecer espaços mentais, é equiparar esses espaços, é realizar projeções seletivas, é localizar estruturas compartilhadas, é realizar projeções de volta para os inputs iniciais, é buscar novas estruturas para os inputs ou para uma mescla. Em suma, é realizar várias operações no próprio processo de mesclagem.

Ao estabelecermos um espaço mescla, estamos operando cognitivamente dentro desse espaço mescla, o que nos permite manipular vários eventos dentro de uma unidade integrada. A mescla fornece uma estrutura, um elemento novo, inédito, não disponível em nenhum dos outros espaços da rede de integração. Esse elemento novo, que emerge do espaço mesclado, Fauconnier e Turner (2002) denominam de estrutura emergente.

te, que recebe este nome por emergir do processo de mesclagem.

Para os autores, a conceptualização alcançada por meio da mesclagem consiste em um aspecto diferenciador da capacidade cognitiva humana, revelando-se como um mecanismo mental otimizador da memória, em razão da compressão propiciada pela integração entre os espaços de input, cujos elementos são projetados seletivamente no espaço mescla.

Assim sendo, cenários podem ser imaginados numa escala de compreensão ótima, de modo que, por exemplo, podemos conceber uma cerimônia de graduação sem a necessidade de carregar na memória todas as etapas pelas quais passamos até chegar à formatura. Essa compressão de elementos alcançada por meio da mesclagem de relações conceptuais é denominada de relação vital.

Em outras palavras, relação vital é a união entre elementos ou propriedades de contrapartes, de modo a possibilitar a compreensão numa escala humana, ou seja, de forma otimizada e imaginativa. Os autores propõem um pequeno conjunto das relações vitais, que se repetem com frequência em processos de mesclagem e podemos destacar, entre outras, relações de mudança, identidade, tempo, espaço, causa-efeito, parte-todo, representação, papel-valor, analogia, contrafactualidade, propriedade, similaridade, categoria e intencionalidade.

Nessa perspectiva, podemos conceber as relações vitais como relações conceptuais necessárias à integração de espaços mentais de natureza distinta que desempenham papel fundamental na configuração da rede de espaços mentais realizadas pela mente humana.

Por todo o apresentado, podemos aqui ratificar que uma rede de integração conceptual envolve sempre, pelo menos, quatro espaços: dois espaços de entrada, um espaço genérico e um espaço de mescla, embora existam também as mesclas múltiplas, que serão bastante importantes em nossa análise, em que várias entradas são projetadas em paralelo, ou os espaços são projetados sucessivamente em mesclas intermediárias, que servem como espaços para outras mesclas.

#### **4. *Quem canta seus males espanta***

Nesta seção, apresentaremos a análise do dito popular “Quem canta seus males espanta”. Observaremos, neste primeiro momento, a metáfora conceptual que estrutura o referido dito e posteriormente anali-

saremos o dito retomando na música "Quem canta seus males espanta" de Zélia Duncan.

No dito popular "Quem canta seus males espanta", podemos perceber uma clara noção de que algo está sobrecarregando alguém, que, não aguentando mais essa sobrecarga, invoca como solução o canto, para afastar seus males, a carga que afeta uma pessoa.

No dito em análise, a pessoa afastará todos os males, o estresse que a aflige, se cantar. Logo, com base no esquema imagético de CONTÊINER, a pessoa tensa pode ser entendida como um RECIPIENTE, de onde seus sentimentos saem sob a forma de canto. Podemos aqui conceitualizar o canto (sentimento) como uma válvula que promoverá o esvaziamento dos males que estavam transbordando do recipiente (pessoa), de modo a impedir uma explosão.

Dessa forma, evidenciamos que esquemas imagéticos ancoram vários conceitos linguísticos que refletem nossas experiências com o mundo que nos cerca e também ligados às projeções entre domínios conceituais envolvidos nos processos metafóricos que estruturam e organizam o conhecimento a partir das experiências vivenciadas.

O dito popular "Quem canta seus males espanta" é estruturado pela metáfora conceitual PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO que emerge do esquema imagético do CONTÊINER. Tal metáfora nos permite o entendimento de um domínio abstrato em termos de outro domínio mais concreto.

A metáfora que conceptualiza uma pessoa zangada em termos de um recipiente sob pressão possui no seu domínio alvo um indivíduo que passa por algumas adversidades em algum momento de sua vida (trajetória), porém precisa retirar de sua cabeça tal coisa, porque poderia "explodir". Ao falarmos em trajetória, estamos indo ao encontro do esquema imagético do TRAJETO, pois adversidades podem surgir no trajeto/na jornada (vida) do indivíduo. O domínio fonte é composto de elementos referentes ao esquema imagético do CONTÊINER, pois há aqui um indivíduo que está cheio de males, como um fluido quente a ser colocado para fora de seu corpo.

Esse domínio possui também a escolha de cantar ou não, ou seja, deixar o fluido quente sair ou não de seu corpo, espantando, assim, os males. Observamos também o fator que levou a pessoa a encher este contêiner com as dificuldades apresentadas pela vida.

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

O mapeamento ocorre através das correspondências que existem entre os domínios. Dessa forma, podemos perceber que a metáfora PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO apresenta as seguintes projeções: a) o CONTÊINER é o indivíduo, b) o canto é a válvula que o impulsiona a colocar para fora o estresse, a fim de ficar bem (espantar os males), c) as adversidades são as dificuldades da trajetória que levam o indivíduo a ficar cheio como um contêiner, d) a escolha do indivíduo é a decisão de deixar o fluido quente sair ou não, e e) o destino final é resultante da escolha de esvaziar ou não contêiner.

Assim sendo, a rede de integração para a conceptualização do dito usado em situações cotidianas apresenta a seguinte configuração.

- Espaço-input (1) – composto de elementos relativos ao frame de vida, onde há um indivíduo que tem a possibilidade de cantar ou não, buscando, assim, espantar todos os seus males.
- Espaço-input (2) – composto de elementos relativos ao esquema imagético do CONTÊINER, onde há um indivíduo que precisa colocar raiva/estresse/tensão, fluido quente, para fora, pois só assim conseguirá continuar sua trajetória.
- Espaço genérico – configurado com a compressão de uma pessoa com raiva em termos de um contêiner cheio, prestes a transbordar, que nos remete à metáfora conceptual PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO.
- Espaço mescla resultado da projeção das contrapartes dos dois inputs interconectados que nos leva ao dito popular “Quem canta seus males espanta” usado em interações cotidianas.

Há no referido dito uma compressão por IDENTIDADE, pois a integração dos indivíduos só é realizada na mescla, já que nos inputs temos indivíduos diferentes com pretensões diferentes: no input 1, há uma possibilidade, ao passo que no input 2 há uma necessidade de diminuir a pressão do contêiner para evitar uma explosão. Também ocorre uma compressão por CAUSA EFEITO, porquanto a decisão de cantar levará o indivíduo a espantar todos os males, deixando o contêiner vazio.

A rede de integração postulada para a conceptualização cotidiana do dito é apresentada na figura (2).

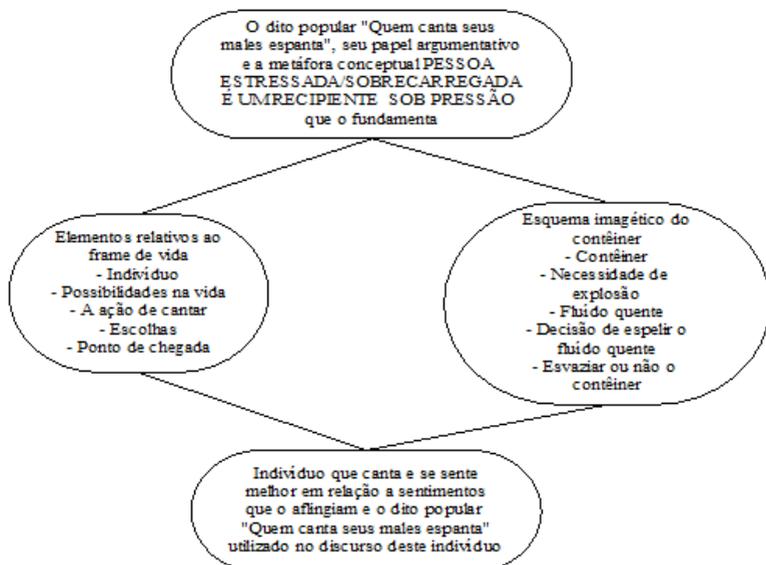


Fig. 2 – Rede de integração de “Quem canta seus males espanta”

Podemos afirmar que, subjacente à metáfora conceptual que estrutura o dito popular “Quem canta seus males espanta”, existe uma combinação complexa dos esquemas imagéticos de TRAJETO e de CONTÊINER, haja vista que, em sua trajetória por um caminho específico, um indivíduo pode cantar para espantar os males acumulados pelas tensões, ou seja, o canto esvaziará o contêiner.

O dito popular “Quem canta seus males espanta” é retomado na música com título homônimo de Zélia Duncan, apresentada abaixo e analisada em seguida.

#### **Quem canta seus males espanta**

Entro em transe se canto, desgraça vira encanto  
Meu coração bate tanto, sinto tremores no corpo  
Direto e reto, suando, gemendo, resfolegando  
Eu me transformo em outras, determinados momentos  
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento  
Às vezes eu choro tanto, já logo quando levanto  
Tem dias fico com medo, invoco tudo que é santo  
E clamo em italiano *ó dio come ti amo*  
Eu me transmuto em outras, determinados momentos  
Cubro com as mão meu rosto, sozinha no apartamento  
Vivo voando, voando, não passo de louca mansa  
Cheia de tesão por dentro, se rola na face o pranto

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

Deixo que role e pronto, meus males eu mesma espanto  
Eu me transbordo em outras, determinados momentos  
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento  
É pelos palcos que vivo, seguindo o meu destino  
É tudo desde menina, é muito mais do que isso  
É bem maior que aquilo, sereia eis minha sina  
Eu me descubro em outras, determinados momentos  
Cubro com as mãos meu rosto, sozinha no apartamento

(Zélia Duncan)

Após a leitura da letra da música Quem canta seus males espanta, podemos perceber que estamos diante de um desabafo do personagem narrador que em sua trajetória passa por algumas adversidades muito incômodas e opressivas. O narrador acredita que através do canto conseguirá se transformar e espantar os males que o incomodam, como pode ser percebido por meio do verso “entro em transe quando canto, desgraça vira encanto”.

Com exceção do título, o dito não é expresso integralmente, em termos formais, na letra da música. O narrador apenas emprega trechos da frase que o compõe no verso “Deixo que role e pronto, meus males eu mesma espanto”, ao afirmar que ele próprio espanta os seus males. Porém, apresenta como causa, para essa expulsão dos problemas, o canto, estabelecendo, assim, uma relação com o dito presente no título da música Quem canta seus males espanta.

Observamos, em seguida, se a metáfora PESSOA ESTRESSADA /SOBRECARRREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO estrutura a retomada do dito popular “Quem canta seus males espanta” na letra da música Quem canta seus males espanta com a mesma projeção metafórica postulada para o dito usado de forma geral nas interações cotidianas.

A letra da música é uma narrativa na qual o personagem narrador está em um momento não muito favorável, pois parece estar bastante nervoso, inquieto e fala muito em choro, medo, transformação e solidão. A letra da música inicia com o narrador apresentando a força que a música possui para ele, pois até mesmo as desgraças se transformam em canto.

Entendendo que na letra da música há uma narrativa, conceptualizaremos inicialmente um MCI de narrativa, o qual nos guiará ao input inicial que contém o dito popular “Quem canta seus males espanta” estruturando o discurso do personagem presente na letra da música e a força argumentativa presente nesse dito.

A rede de integração proposta para a interpretação da letra da música possui mais dois inputs: no segundo deles, há elementos referentes ao frame de VIDA, no qual existe um indivíduo com as possibilidades e as escolhas feitas no percurso da vida; há também a ação de cantar, algo muito presente na vida dos seres humanos, e o ponto de chegada, aquele destino a que todos almejam. O terceiro input possui elementos referentes ao esquema imagético do CONTÊINER, no qual temos o contêiner, a necessidade de explosão, o fluido quente e as decisões e as escolhas referentes ao fluido quente.

No espaço genérico, há a metáfora conceptual PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO que estrutura o dito “Quem canta seus males espante” utilizado em situações cotidianas e a força persuasiva presente no dito.

O espaço mescla é constituído por um indivíduo/personagem da música que se transmutou em outras e através do canto sente-se muito melhor. Dessa forma, chegamos ao dito “Quem canta seus males espanta” utilizado no discurso desse indivíduo.

A rede de integração conceptual para a música Quem canta seus males espanta resulta das seguintes relações vitais: (a) relação vital de MUDANÇA, pois a narradora transmuta-se em várias outras mulheres ao longo da música; (b) compressão por CAUSA – EFEITO, já que a narradora só consegue se transmutar, colocar sua raiva para fora, se cantar. A noção de causa e efeito é bastante relevante na letra da música, pois tudo que a narradora apresenta na letra da música só se concretizará se ela cantar, (c) compressão de TEMPO, a música integra fatos em momentos indeterminados e em momentos determinados e (d) compressão por IDENTIDADE, pois a conexão dos indivíduos só se realiza na mescla.

A rede de integração para a conceptualização do dito retomado na letra da música é representada na figura (3).

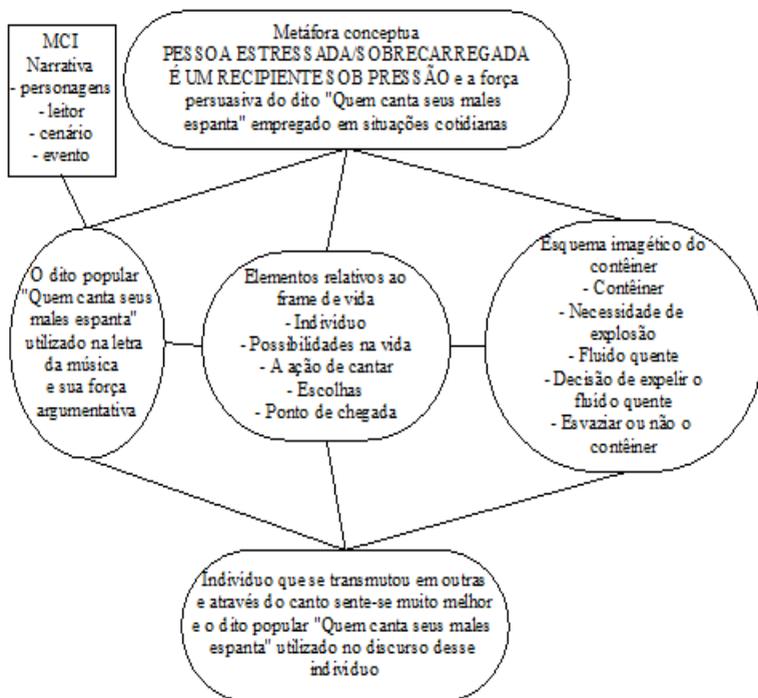


Fig. 3 – Mesclagem na música Quem canta seus males espanta

Concluída a análise da letra da música Quem canta seus males espanta, verificamos que a metáfora conceitual PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO estruturou o dito usado em situações da vida cotidiana e o dito retomado na música com a mesma projeção metafórica.

### 5. Considerações finais

O estudo possibilitou-nos reconhecer que nos apoiamos em modelos de um mundo concreto para conceituar fenômenos abstratos, não apenas em termos conceituais com a utilização de metáforas, a fim de buscar sentidos precisos, mas também porque, ao integrarmos cognitivamente estados de coisas abstratas e domínios da experiência concreta, asseguramos inconscientemente uma maior eficiência e expressividade no uso da linguagem cotidiana.

No que tange às redes de integração postuladas para explicar a construção de sentido do dito e deste na música analisada, foi possível demonstrar a adequação dessa ferramenta à análise, em virtude da compressão das relações vitais presente nos espaços mentais de input e no espaço mescla.

O dito “Quem canta seus males espanta” expressa uma noção de sobrecarga. Empregamos esse dito em situações cotidianas, quando temos a intenção de mostrar que algo nos sobrecarrega e o canto poderá nos livrar da carga que nos aflige. Isso nos remete ao esquema imagético do CONTÊINER, com base no qual podemos conceber a pessoa sobrecarregada como um RECIPIENTE que necessita de esvaziamento e o canto funcionará como a válvula que promoverá esse esvaziamento. Esse dito é estruturado pela metáfora conceptual PESSOA ESTRESSADA/SOBRECARREGADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO.

Esse dito é retomado na música com título homônimo de Zélia Duncan. Na música, estamos diante de um desabafo do personagem narrador que, em sua trajetória, passa por algumas adversidades muito incômodas e opressivas. O narrador acredita que através do canto conseguirá se transformar e espantar os males que o incomodam.

Entendendo que o dito retomado na letra da música, mesmo que de modo não formal, possui a mesma noção expressa pelo dito utilizado em situações cotidianas, sustenta-se a ideia de que a metáfora conceptual PESSOA ESTRESSADA É UM RECIPIENTE SOB PRESSÃO estrutura as duas utilizações do mesmo dito popular.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUTRER, Michelle. *Time e tense in narrative and in everyday language*. San Diego: University of California, 1994.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. *Mappings in language and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

\_\_\_\_\_; SWEETSER, Eve. *Cognitive links and domains: basic aspects*

## XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

of mental space theory. In: \_\_\_\_\_. *Spaces, worlds & grammar*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, Lilian Vieira. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. *Veredas*, Juiz de Fora: EDUFJF, vol. 3, n. 1, p. 115-128, 1999.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, Chales J. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, vol. 6, n. 2, p. 222-254, 1985.

GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KÖVECSES, Zóltan. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. *Metaphor in culture: universality and variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao modelo dos espaços mentais. *Veredas*, n. 4, p. 81-95, 1999.

TURNER, Mark. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

VELLASCO, Ana Maria de Moraes Sarmiento. Padrões de uso de provérbios na sociedade brasileira. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, vol. 4, p. 122-160, 2000.

XATARA, Claudia Maria; SUCCI, Thais Marini. Revisitando o conceito de provérbio. *Veredas on-line – atemática*, n. 1, p. 33-48, 2008. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo31.pdf>>.